

## NEW AGE: UMA REVOLUÇÃO CULTURAL EM DOIS MOMENTOS

Tiago Pinto  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

### Resumo

O *New Age* surgiu na modernidade na sequência da secularização e da recomposição do esoterismo e da religião no ocidente. Cronologicamente pode ser situado em dois momentos. O primeiro ocorre pós-Segunda Guerra Mundial, quando o movimento foi abraçado pelas gerações juvenis, adquirindo visibilidade pública. Popularizou-se através das subculturas apocalípticas e utópicas e das contraculturas contestatárias, que criaram uma rutura com os estilos de vida da modernidade. O segundo surge nos finais da década de 1970, quando se inicia um processo de reconhecimento coletivo das crenças e práticas espirituais do *New Age* como alternativas ou desviantes. Desde esta altura a difusão do *New Age* tem ocorrido, essencialmente, através de bricolages individuais. Apesar destas práticas espirituais serem muitas vezes apontadas como enquadradas na lógica do mercado neoliberal do sistema capitalista e de não trazerem algo verdadeiramente novo (dado que a maioria recupera práticas esotéricas e espirituais antigas), estas promovem, na sua maioria, igualmente valores ecológicos, o bem-estar físico e psíquico e sentido de pertença a comunidades de vários tipos, nomeadamente digitais. Concluímos neste artigo sobre a necessidade de alargar a investigação sobre o *New Age* em Portugal, como forma de potenciar o conhecimento científico sobre práticas contemporâneas.

**Palavras-chave:** *esoterismo, New Age, cultic milieu.*

## NEW AGE: A CULTURAL REVOLUTION IN TWO MOMENTS

Tiago Pinto  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

### Abstract

*The New Age emerged in modernity as a result of secularization and the recomposition of esotericism and religion in the West. Chronologically it can be placed in two moments. The first takes place after the Second World War, when the movement was embraced by the younger generations, acquiring public visibility. It became popular through apocalyptic and utopian subcultures and contestant countercultures, which created a break with the lifestyles of modernity. The second appears in the late 1970s, when a process of collective recognition of New Age spiritual beliefs and practices as alternative or deviant began. Since then, the diffusion of the New Age has essentially occurred through individual DIYs. Although these spiritual practices are often seen as framed in the logic of the capitalist system's neoliberal market and do not bring something truly new (given that most recover old esoteric and spiritual practices), they also promote, for the most part, ecological values, the physical and psychological well-being, and a sense of belonging to communities of various types, namely digital ones. In this article we conclude on underlining the need to broaden the research on the New Age in Portugal, as a way to bolster scientific knowledge on contemporary practices.*

**Keywords:** *esotericism, New Age, cultic milieu.*

## Notas introdutórias: o *New Age* como um termo polissémico

O *New Age* é um termo heterogéneo e polissémico essencial para o entendimento das mudanças culturais e religiosas que ocorreram no ocidente a partir da segunda metade do século XX. É heterogéneo de duas formas: na sua constituição (interna) e no seu uso – o que nos remete para a sua polissemia. A heterogeneidade interna é relativa à diversidade de movimentos (mais ou menos organizados), crenças individualizadas e espiritualidades que constituem o *New Age*. É importante ressaltar que o termo é dificilmente balizado porque o seu “conteúdo permanece extremamente vago” (Hanegraaff, 1996, p. 1), dificultando uma definição comum. Apesar disso, trabalhos de autores como Hanegraaff (1996), Sutcliffe (2003), Faivre (2010) e Heelas (1996; 2008) permitiram, através de uma análise sócio-histórica da estrutura implícita de crenças, estabelecer a sua polissemia, isto é, encontrar os seus múltiplos sentidos.

O *New Age* surgiu no século XIX (Hanegraaff, 1996), mas foi só a partir da Segunda Guerra Mundial que apresentou manifestações de um movimento mais ao menos unificado (Campbell, 2002). Tomando como referência este marco cronológico, o *New Age* pode ser dividido, essencialmente, em dois momentos. O primeiro perdurou até ao início dos anos setenta e compreende a corrente de indivíduos e movimentos ascéticos, alternativos – discursos contrários aos das Religiões institucionais –, “apocalípticos” e utópicos (Sutcliffe, 2003, p. 3). O segundo eclodiu a partir de 1970 e corresponde ao reconhecimento coletivo do fenómeno *cultic milieu* – conceito que será desenvolvido mais à frente.

A transformação do conceito e a divisão em dois grandes grupos serão compreendidos recorrendo a um entendimento das influências que caracterizam o primeiro momento e as recomposições culturais que deram origem ao segundo.

## 1. A construção de um conceito: influências do *New Age*

Segundo Hanegraaff (1996), a “substância da religião da Nova Era”<sup>1</sup> é resultado do esoterismo secular e apareceu no século XIX, atingindo a sua maturidade no século XX. O seu aparecimento deveu-se principalmente a uma combinação das seguintes influências:

1. Idealismo romântico (Sebald, 1984).
2. Ensinos pagãos (como, por exemplo, os celtas, druidas, maias, germânicos, helênicos, etc.).
3. Recomposições dentro do judaísmo e cristianismo (Melton, 1988; Hanegraaff, 1996), nomeadamente assentes num esoterismo influenciado pela gnose (Hanegraaff, 2012) e nas fundações da mediunidade e do *channeling*, baseado na procura de sustentação científica (como o kardecismo).
4. Influências de documentos sobre astrologia, alquimia, filosofia da natureza e cosmologia – especial destaque para a importância do *Corpus Hermeticum* (Faivre, 2010).
5. Influências filosóficas não cristãs, como neopitagorismo, estoicismo, neoplatonismo, etc. (Faivre, 2010).
6. Teosofia moderna e antroposofia (nomeadamente, das influências de Helena Blavatsky e Alice Bailey para a primeira e Rudolf Steiner para a segunda).
7. Ocultismo (onde cabe o espiritualismo, o rosacrusianismo, mesmerismo e o swedenborgianismo) (Hanegraaff, 2012).

Assumindo aqui um papel ilustrativo<sup>2</sup>, estas influências foram permeáveis aos desenvolvimentos económicos, políticos e, principalmente, culturais da modernidade. Destaquemos o racionalismo e o desenvolvimento científico que resultou num hibridismo do esoterismo ocidental com o materialismo científico, numa relativização das

1 Em contraste, a Nova Era como movimento aparece somente na segunda metade da década de 1970 (Campbell, 2002).

2 Para entender as diferenças e semelhanças do *New Age* com cada uma das suas influências ver Hanegraaff (1996, pp. 384-454).

pressuposições cristãs no esoterismo tradicional (com destaque para a afinidade com as teorias evolucionistas e a emergência dos estudos comparativos religiosos) e numa proximidade entre a Psicologia e a Psiquiatria (Hanegraaff, 2002).

Os anos 20 e 30 do século XX, foram anos muito importantes para a inovação, consolidação e revivalismos religiosos no ocidente (Sutcliffe, 2003, p. 35). Para o aparecimento do *New Age* contribuíram, em particular, a emergência de um público maioritariamente elitista, num contexto de forte adesão aos ensinamentos de Alice Bailey; a aculturação no ocidente de algumas tradições, como o budismo, hinduísmo e sufismo; as influências das espiritualidades alternativas do movimento inter-religioso; a difusão de uma cultura oculta de ordem cósmica ressacralizada – a astrologia; e a conclusão do processo de secularização do estorismo (Hanegraaff, 1996).

Para a popularização cultural deste movimento muito contribuiu a imprensa escrita, em particular a astrológica, e uma mais elitista relativa ao desenvolvimento espiritual (Sutcliffe, 2003, pp. 38-40).

## 2. O pós-Guerra e o surgimento de movimentos de contracultura

(...) *Harmony and understanding*  
*Sympathy and trust abounding*  
*No more falsehoods or derisions*  
*Golden living dreams of visions*  
*Mystic crystal revelation*  
*And the mind's true liberation*  
*Aquarius! Aquarius!*  
 (Rado et al., 1979).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, de consequências catastróficas e sem precedentes, os imaginários da sociedade começaram a ser permeados pela ideia de um mundo que teria de ser substituído por uma ordem diferente, transcendental – visão milenarista. Para sobreviver ao “fim do mundo” (seja por causas sociais ou humanas) era necessária uma preparação para uma nova civilização, de abundância e iluminação espiritual, a Era do Aquário.

Os estudos dos UFO (Ovnis – objetos voadores não identificados) popularizavam-se nesta altura e assumiam-se vanguardistas na defesa de um novo mundo evoluído tecnologicamente, culturalmente e espiritualmente. Surgiram múltiplos testemunhos de encontros amigáveis e espirituais com *aliens*, mas foram as representações contrárias, destes seres como malignos (Bader, 1995, p. 79), que se popularizaram. A par destes “cultos”, a Era do Aquário popularizava-se noutras subculturas, as comunidades utópicas<sup>3</sup>. O excerto da música que abre este capítulo, *Aquarius*, do musical *Hair*, ilustra bem algumas das crenças destas comunidades, a importância da astrologia, a busca pela harmonia, a presença de misticismos e a transcendência espiritual. Neste processo seria imprescindível, através de um trabalho coletivo comunitário (Ferguson, 1980, p. 23), o serviço humanitário e o amor altruísta – como demonstra o desfecho da versão cinematográfica do musical *Hair*<sup>4</sup>, produzido por Miloš Forman em 1979.

Estes movimentos alternativos, tal como a religião e as ideologias, são epifenómenos (Barker, 1982), “ou seja, nunca se demarcarão da influência de interesses classistas ou superarão a estrutura económica da sociedade” (Vilaça, 2006, p. 110), mesmo que seja através de uma postura contestatária. Estes movimentos apresentavam assim uma rutura com os modos de vida da modernidade (Heelas, 1996, p. 18), como a educação formal, as ansiedades provenientes da “tentativa de causar boas impressões”, as inseguranças enraizadas e as exigências das ideias pré-concebidas sobre as relações. Além disso, também rejeitavam as autoridades de regulação de ordem, como o estado, as religiões ocidentais (nomeadamente as tradições cristãs), a família e até “o ego, que internalizou as tradições, rotinas parentais e outros inputs (...)” (Heelas, 1996, p. 20), sendo substituídos por ensinamentos e processos libertadores e espirituais. Estas crenças conjugavam-se com influências do xamanismo, do budismo e, principalmente, da filosofia perene, entendida como:

3 Um dos exemplos mais ilustrativos é a comunidade de espiritualidade alternativa Findhorn.

4 No final do filme, a personagem George Berger troca de lugar com o amigo Bukowski – recém recrutado para a guerra do Vietnam – e morre.

(...) metafísica que reconhece uma realidade divina substancial para o mundo das coisas e vidas e mentes; a psicologia que encontra na alma algo semelhante ou mesmo idêntico à realidade divina; a ética que coloca o fim último do homem no conhecimento do mundo imanente e transcendente de todos os seres que são imemorais e universais. (Huxley, 1947, p. 1).

Esta procura seria encontrada em todas as religiões tradicionais e permitiria, através do reino espiritual, descobrir o essencial à união humana.

Estes movimentos subculturais, carecendo, pelo menos num primeiro momento, de uma estrutura organizada, transitaram progressivamente a partir do final dos anos 60 e início dos anos 70 para uma postura de cultura contestatária constituída por um agregado de culturas alternativas e, conseqüentemente, por uma bricolage de práticas espirituais (Sutcliffe, 2003, p. 108, p. 111) cada vez mais individualizadas.

### 3. Reconfigurações e difusão do *New Age*

Caraterizado como subcultural e contracultural, o *New Age* sofreu alterações significativas a partir da segunda metade da década de 1970. Os pioneiros do *New Age* “tradicional” começaram a envelhecer, as crenças milenaristas a perder apoiantes e, resultado do crescente individualismo, os valores voltados para o trabalho comunitário perderam força. O *New Age* começou progressivamente a ser associado a um processo imanente que respondia às necessidades e ética individuais, onde as experiências pessoais eram a maior fonte de autoridade. Isto levou a uma falta de agenda coletiva e afastou o *New Age* de um movimento que se constitui como uma entidade organizada (Sutcliffe, 2003, p. 197). Apesar disto, já se tinha iniciado um processo de unificação do reconhecimento coletivo de sistemas de crenças e práticas alternativas e desviantes – o *Cultic Milieu* –, sejam elas “mundos do oculto e do mágico, do espiritualismo e dos fenómenos psíquicos, do misticismo e do novo pensamento, das inteligências alienígenas e civilizações perdidas, da cura pela fé e da cura da natureza” (Campbell, 2002, p. 33).

Um conjunto de características identificam esta reconfiguração do *New Age*. Primeiramente podemos apontar a visão holística. Essencialmente, significa uma alternativa às visões reducionistas (em relação ao espírito) e dualistas (por exemplo, entre Deus e natureza e Ser humano e natureza) das religiões teístas. Nesta medida, os seres humanos e a natureza estão inter-relacionados, num todo orgânico imbuído de energias. Como tal, demonstram afinidade com visões religiosas essencialmente taoístas e budistas.

Em segundo lugar, o *New Age* tem crença em várias formas de existência, mundos e esferas cósmicas comunicáveis. Uma das formas mais comuns de transmissão de informações de entidades incorpóreas oniscientes dá-se através do “Channeling”. Hanegraaff (1996) demonstra-nos como qualquer uma das crenças fundamentais do *New Age* foi primeiro formulada em mensagens, quase sempre espontâneas, provenientes deste método. As mensagens reveladas pelas entidades podem ser comunicadas através de estados de transe, possuindo o médium, discursivamente ou textualmente; por automatismos (como placa Ouija ou escrita automática); clariaudiência, em que o médium ouve vozes interiores e as comunica por uma canalização aberta. Neste último caso a informação não é transmissível por uma fonte individual identificável, mas pelo treino intencional de técnicas “Do-it-yourself” para aceder a habilidades intuitivas como, por exemplo, a criatividade, intuição e a inspiração artística (Klimo, 1987, p. 186).

Em terceiro lugar, é importante assinalar a crença na consciência cósmica. Esta ideia é transversal ao *New Age* desde as suas influências até à atualidade e baseia-se na crença numa consciência mais elevada, que através de um conhecimento da psique levaria à gnose ou iluminação mística. Este processo seria uma parte indispensável para a quarta característica, a procura de autorrealização, que só pode ser conseguida se houver uma procura da espiritualidade subjetiva e adaptação das opções de vida. Os ensinamentos e práticas que priorizam esta espiritualidade expressiva mais individualizada, mas sem dispensar a coletividade, são entendidas como pertencentes à “espiritualidade da vida” (Heelas, 2008).

Por fim, como fomos dando a entender até aqui, o *New Age* popularizou-se na cultura ocidental contemporânea pela pouca institucionalização, o seu carácter dinâmico, a sua educação e as suas práticas informais (workshops, seminários, cursos, etc.).

### 3.1. New Age: uma vivência na espiritualidade

Num dos poucos trabalhos de investigação sobre o *New Age* em Portugal, Monteiro e Mascarenhas (2020) demonstraram, através de um grupo de reikiianos e um grupo espírita, como as espiritualidades *New Age* permitem oferecer aos participantes:

(...) a eternidade do ser através das experiências das ligações, individuais e coletivas, numa vivência mística religada ao sagrado, experiências interligadas entre o real (vida), o simbólico (uno) e o imaginário (cosmo) no “todo” e que geram novas relações consigo mesmo com o outro e com a natureza. (Monteiro & Mascarenhas, 2020, p. 215).

Esta definição é particularmente interessante por duas razões. A primeira é a sua abrangência, permitindo integrar a maioria dos movimentos *New Age* (mais ou menos organizados) pós-Segunda Guerra Mundial. Mais concretamente, esta noção incorpora diferentes experiências de mente-corpo-espírito (Heelas, 2008), tais como a astrologia, o tarô e outras práticas de clarividências; práticas de comunicação com entidades extramundanas; práticas corporais (como o *Yoga* e o *Tai Chi*); as práticas alternativas ou complementares no tratamento de “doenças” no complexo social, condições psicológicas e condições espirituais, como o *Reiki*; e muitas outras<sup>5</sup>. Em segundo lugar, o conceito tem interesse porque incorpora dois grupos de Portugal, um dos países europeus em que há um crescimento de novos movimentos sociais e práticas menos organizadas ligadas às espiritualidades (Monteiro & Mascarenhas, 2020, p. 209).

A americanização do *New Age* permitiu que

as atividades mente-corpo-espiritualidade, que cresceram nos anos 70 nos Estados Unidos, crescessem também na Europa (Heelas, 2008). No entanto, contrariamente às espiritualidades de contracultura, anticapitalistas e reformistas, o *New Age* ganhava novos contornos de “comércio espiritual” (Brown, 1997) ou neoliberalismo (Carrette & King, 2005, p. 20). No primeiro caso, as espiritualidades são interpretadas sobre contornos do mercado capitalista e disputam um lugar no “*pick and mix*” individual. No segundo caso, soma ao anterior o interesse consumista, de “benefícios corporativos e da economia global” (Carrette & King, 2005). Apesar destes novos contornos de consumo darem espaço a críticas, Heelas (2008, pp. 3-4) aponta que se forem consumidas no sentido de cultivar a vida ou assumir o seu controle, ultrapassam o individualismo utilitarista e enfatizam o humanismo expressivo, respetivamente. Neste sentido, a caracterização do *New Age* totalmente ao serviço do consumo é errada e redutora.

O consumo é, entre outras razões, um entrave ao termo *New Age* ser aceite como legítimo na esfera pública. Podemos apontar como principal razão a difusão mediática do *New Age* circunscrita a uma subcultura desviante. O melhor exemplo é o caso dos *hippies*, onde o uso de drogas, roupas extravagantes, linguagem desinibida e modos de vida contraculturais, criaram um imaginário repleto de conotações negativas (Sutcliffe, 2003, p. 111). Outra razão é os indivíduos não considerarem as suas práticas “novas”. Desde logo, adaptando o contributo de Vilaça (2006) relativamente aos novos movimentos religiosos, debatemo-nos com o paradoxo do termo “novo” ser utilizado tanto a práticas assim catalogadas “...quando surgiram e que conservaram a mesma adjectivação como (...) de formação muito mais recente” (Vilaça, 2006, p. 109). Além disso, como já tivemos oportunidade de demonstrar nesta revisão, as práticas *New Age* também (re)adaptaram, reproduziram e transformaram práticas “antigas”, do esoterismo ocidental, e provenientes do oriente - “...um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o «Oriente» e (na maior parte do tempo) o «Ocidente»” (Said, 2003, p. 31-32). Neste seguimento, o que nesta revisão

5 Para mais de 50 exemplo de práticas administradas por praticantes holísticos da espiritualidade da vida interior, consultar Woodhead e Heelas (2005, pp. 156-157).

ilustramos como *New Age*, pode ser representado pelos seus adeptos ou pela literatura como: um campo dentro das espiritualidades alternativas (Sutcliffe, 2003); movimento alternativo ou de mente-corpo-espírito (Heelas, 2008); uma revolução espiritual (Heelas & Woodhead, 2005, p. 127); parte do esoterismo secular (Hanegraaff, 1996); entre outros. Apesar das diferentes designações e argumentos dos autores, fica a ideia subjacente de que só através do entendimento das religiões tradicionais, das mudanças culturais e uma análise empírica rigorosa, que preze por entender as práticas e representações individuais e sociais, é que se poderá entender qual a adequação terminológica.

## Conclusão

A mediatização e a mercantilização do fenómeno *New Age*, nomeadamente através do uso do selo “espiritual”, ou de formas mais ou menos subentendidas como “autoajuda”, penetraram o *mainstream* cultural das sociedades ocidentais democráticas. A espiritualidade demonstra impregnar cada vez mais as crenças e práticas dos religiosos e não religiosos (Heelas & Woodhead, 2005) que, potenciadas por uma procura individualizada de sentido, complexificam-se e crescem. Segundo Hanegraaff (2012, p. 261), a continuidade da ênfase na virtude da liberdade individual suprema conhecido como *New Age* manterá a força, seja através de um consumo utilitarista, seja através de uma reconfiguração identitária individual e coletiva. Alguns exemplos destas reconfigurações são a promoção do humanismo expressivo e de valores ecocêntricos, o encontro da profundidade existencial (Heelas, 2008, p. 19) e uma promoção de melhorias significativas nos relacionamentos sociais (Monteiro e Mascarenhas, 2020).

O caso português não foi exceção às influências do *New Age*, que se apresenta como o país da Europa com maior percentagem de pessoas que estão envolvidas, de forma moderada ou elevada, em crenças e práticas orientais, *New Age* ou

de religiosidades populares<sup>6</sup> (Pew, 2018). Como referimos, o *New Age* é, tal como a religião e as ideologias (Barker, 1982), um epifenómeno e uma cultura de crenças, no entanto, é mais fluído. Vale a pena uma análise científica que permita compreender de uma forma distanciadas estes fenómenos emergentes, que acabam por penetrar com relativa facilidade nos vários domínios sociais (político, ambiental, educacional, etc.).

## Referências bibliográficas

- Bader, C. (1995). The UFO Contact Movement from the 1950's to the Present. *Studies in Popular Culture*, 17(2), 73-90.
- Barker, E. (1982). From sects to society: a methodological programme. In E. Barker (Org.), *New Religious Movements: a Perspective for Understanding Society* (pp. 3-15). The Edwin Mellen Press.
- Brown, M. F. (1997). *The Channelling Zone: American Spirituality in an Anxious Age*. Harvard University Press.
- Campbell, C. (2002). The Cult, the Cultic Milieu and Secularization. In J. Kaplan & H. Löw (Orgs.), *The Cultic Milieu/ Oppositional Subcultures in a Age of globalization* (pp. 119-136). Altamira Press.
- Carrete, J., & King, R. (2005). *Selling spirituality. The silent takeover of religion*. Routledge.
- Faivre, A. (2010). *Western Esotericism: A concise History*. Suny Press.
- Ferguson, M. (1982). *The Aquarian Conspiracy: Personal and Social Transformation in the 1980s*. Paladin graffon Books.
- Hanegraaff, W. J. (1996). *New age religion and western Culture: esoterism in the mirror of secular thought*. Brill.
- Hanegraaff, W. J. (2012). *Esotericism and the Academy: Rejected Knowledge in Western Culture*. Cambridge University Press.
- Heelas, P. (1996). *The new age movement*. Blackwell Publishing.
- Heelas, P. (2008). *Spiritualities of Life*. Blackwell Publishing.
- Heelas, P., Woodhead, L. (2005). *The spiritual Revolution: why religion is giving way to spirituality*. Blackwell.
- Huxley, A. (1947). *Perennial Philosophy* (second). Chatto & Windus.
- Klimo, J. (1987). *Investigations on Receiving Information from Paranormal Sources*. Aquarian Press.

6 Medido através de (i) seis itens relativo à percentagem de pessoas que acreditam na fé; no *Yoga* como prática espiritual; na astrologia, em energias espirituais nas coisas físicas; na reencarnação; e no mau olhado); (ii) e dois itens relativo às práticas (prática meditação e consulta o horóscopo ou cartas tarô). Para mais detalhes ver o estudo *being christian in Western Europe* (Pew, 2018, p. 134-137).

- Melton, G. (1988). A History of the New Age Movement. In R. Basil (Ed.), *Not necessarily the New Age* (pp. 35-53). Globe Pequot / Prometheus.
- Monteiro, D., Mascarenhas, V. (2020). Estar com o universo. As novas espiritualidades dos movimentos sociais da nova era. In J. Neves; P. Costa; P. Mascarenha; I. Castro & V. Salgado (Orgs.), *Eu sou tu. Experiências ecocríticas* (pp. 207-240). <https://doi.org/10.21814/1822.68550>
- Pew Research Center (2018, 29 de maio). *Being Christian in Western Europe*. Pew Research Center. <https://www.pewforum.org/2018/05/29/being-christian-in-western-europe/>
- Rado, J., Ragni, G., Dermot, G. M. (1979). *Aquarius in Hair [Vinyl-Side A]*. RCA records.
- Said, E. W. (2003). *O orientalismo. O oriente como invenção do Ocidente*. Editora Schwarcz.
- Sebald, H. (1984). New Age Romanticism: The Quest for an Alternative Lifestyle as a Force of Social Change. *Humboldt Journal of Social Relations*, 11(2), 106-127. <http://www.jstor.org/stable/23261838>
- Sutcliffe, S. (2003). *Children of the new age*. Routledge.
- Vilça, H. (2006). *Da torre de Babel às Terras Prometidas - Pluralismo Religioso em Portugal*. Edições Afrontamento.

**Tiago Pinto**. Mestre em Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal). Doutorando em Sociologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica Edgar Cardoso, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. Email: [tmcnp.97@gmail.com](mailto:tmcnp.97@gmail.com).

Artigo recebido no âmbito da chamada aberta que decorreu até 24 de janeiro de 2022. Aprovado para publicação em 9 de maio de 2022.